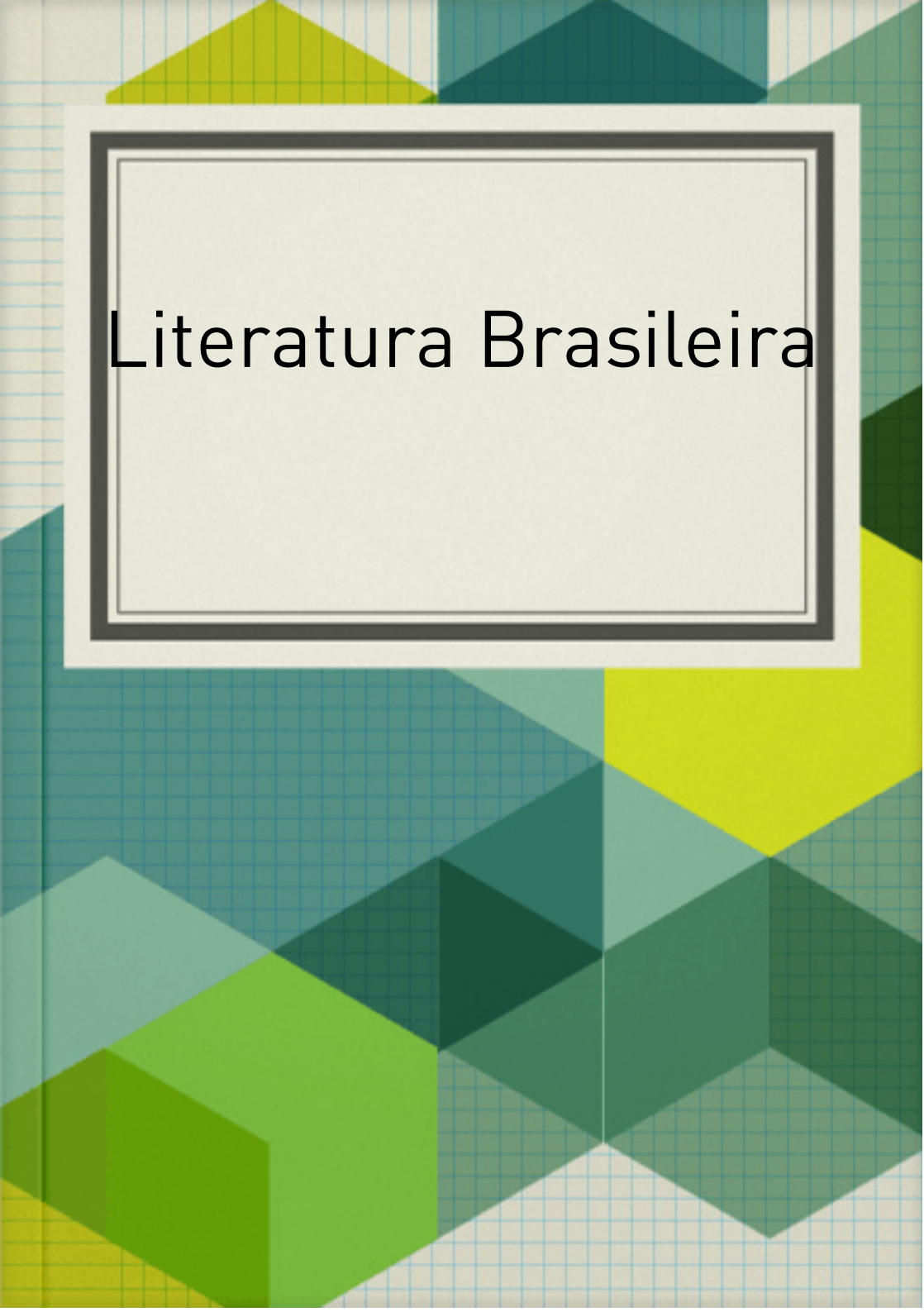




Literatura Brasileira

Literatura Brasileira, Era Colonial - Quinhentismo.

Carta de Pero Vaz de Caminha.

Trechos da carta;

“ Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. ”

“A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. ”

Ocorreu durante o período das grandes navegações.

Literatura Brasileira, Era Colonial - Barroco.

Prosopopeia foi o primeiro livro Barroco da história do Brasil, escrito por Bento Teixeira.

Gregório de Matos - Ao Braço do Mesmo Menino
Jesus Quando Apareceu.

“ O todo sem a parte não é todo; A parte sem o todo
não é parte; Mas se a parte o faz todo sendo parte,
Não se diga que é parte, sendo todo [...]”

Padre Antônio Vieira;

“Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os
pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da
terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal.
O efeito do sal é impedir a corrupção[...]”

Literatura Brasileira, Era Colonial - Arcadismo.

Cláudio Manuel - Obras Poéticas.

Tomás Antônio Gonzaga - Marília de Dirceu.

“Os teus olhos espalham luz divina, A quem a luz do
Sol em vão se atreve: Papoula, ou rosa delicada, e fina,
Te cobre as faces, que são cor de neve. Os teus
cabelos são uns fios d’ouro; Teu lindo corpo bálsamos
vapora. Ah! Não, não fez o Céu, gentil Pastora, Para
glória de Amor igual tesouro. Graças, Marília bela,
Graças à minha Estrela!”

Literatura Brasileira, Era Nacional - Romantismo.

Gonçalves de Magalhães - Suspiros Poéticos e Saudades.

Obra de Gonçalves de Magalhães presente na obra
“Suspiros Poéticos e Saudades” (1836):

A Fantasia

Para dourar a existência Deus nos deu a fantasia;
Quadro vivo, que nos fala, D’alma profunda harmonia.
Como um suave perfume, Que com tudo se mistura;
Como o sol que flores cria, E enche de vida a natura.
Como a lâmpada do templo Nas trevas sozinha vela,
Mas se volta a luz do dia Não se apaga, e sempre é
bela. Dos pais, do amigo na ausência, Ela conserva a
lembrança, Aviva passados gozos, E em nós desperta
a esperança. Por ela sonho acordado, Subo ao céu, mil
mundos gero; Por ela às vezes dormindo Mais feliz me
considero. Por ela, meu caro Lima, Viverás sempre
comigo; Por ela sempre a teu lado Estará o teu
amigo.

Literatura Brasileira, Era Nacional - Realismo.

Machado de Assis - Memórias póstumas de Brás Cubas.

“Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.”

Literatura Brasileira, Era Nacional - Naturalismo.

Aluísio de Azevedo - O Mulato.

“João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo.”

Aluísio de Azevedo - O Cortiço.

“João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo[...]”

Literatura Brasileira, Era Nacional - Parnasianismo.

Teófilo Dias - Fanfarras.

Poema publicado no livro Fanfarras;

A MATILHA

“ Pendente a língua rubra, os sentidos atentos,
Inquieta, rastejando os vestígios sangrentos, A
matilha feroz persegue enfurecida, Alucinadamente, a
presa malferida. Um, afitando o olhar, sonda a escura
folhagem; Outro consulta o vento; outro sorve a
bafagem, O fresco, vivo odor, cálido, penetrante Que,
na rápida fuga, a vítima arquejante Vai deixando no ar,
pérfido e traiçoeiro; Todos, num turbilhão fantástico,
ligeiro, Ora, em vórtice, aqui se agrupam, rodam,
giram, E, cheios de furor frenético respiram, Ora,
cegos de raiva, afastados, dispersos, Arrojam-se a
correr. Vão por trilhos diversos, Esbraseando o olhar,
dilatando as narinas. Transpõem num momento os
vales e as colinas, Sobem aos alcantis, descem pelas
encostas, Recruzam-se febris em direções opostas,
Té que da presa, enfim, nos músculos cansados
Cravam com avidez os dentes afiados[...]”

Literatura Brasileira, Era Nacional - Simbolismo.

Cruz e Souza - Broquéis.

Antífona:

“Ó Formas alvas, brancas, Formas claras De luares,
de neves, de neblinas!... Ó Formas vagas, fluidas,
cristalinas... Incensos dos turíbulos das aras...

Formas do Amor, consteladamente puras, De Virgens e
de Santas vaporosas... Brilhos errantes, mádidas
frescuras E dolências de lírios e de rosas...

Indefiníveis músicas supremas, Harmonias da Cor e
do Perfume... Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Visões, salmos e cânticos serenos, Surdinas de
órgãos flébeis, soluçantes... Dormências de volúpicos
venenos Sutis e suaves, mórbidos, radiantes...

Infinitos espíritos dispersos, Inefáveis, edênicos,
aéreos, Fecundai o Mistério destes versos Com a
chama ideal de todos os mistérios[...]

Literatura Brasileira, Era Nacional - Pré-Modernismo.

Euclides da Cunha - Os Sertões.

A TERRA:

"Ao sobrevir das chuvas, a terra, como vimos, transfigura-se em mutações fantásticas, contrastando com a desolação anterior.

Os vales secos fazem-se rios. Insulam-se os cômodos escavados, repentinamente verdejantes. A vegetação recama de flores, cobrindo-os, os grotões escancelados, e disfarça a dureza das barrancas, e arredonda em colinas os acervos de blocos disjuntidos -de sorte que as chapadas grandes, entremeadas de convas, se ligam em curvas mais suaves aos tabuleiros altos. Cai a temperatura. Com o desaparecer das soalheiras anula-se a secura anormal dos ares. Novos tons na paisagem: a transparência do espaço salienta as linhas mais ligeiras, em todas as variantes da forma e da cor[...]"

Literatura Brasileira, Era Nacional - Modernismo.

Jorge Amado - Capitães de Areia.

“O que ele queria era felicidade, era alegria, era fugir de toda aquela miséria, de toda aquela desgraça que os cercava e os estrangulava. Havia, é verdade, a grande liberdade das ruas. Mas havia também o abandono de qualquer carinho, a falta de todas as palavras boas. Pirulito buscava isso no céu, nos quadros de santo, nas flores murchas que trazia para Nossa Senhora das Sete Dores, como um namorado romântico dos bairros chiques da cidade traz para aquela a quem ama com intenção de casamento.”

Literatura Brasileira, Era Nacional - Pós-Modernismo.

Adélia Prado - Bagagem.

Com licença poética:

“Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira. Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada. Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir. Não tão feia que não possa casar, acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas, o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos — dor não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô. Vai ser coxo na vida, é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou.”